

Aliança Democrática termina com a nova Carta

Sem nunca funcionar nos Estados, admitem líderes do PMDB e do PFL, ela já está no fim



Maurílio Ferreira Lima
Lima quer discutir o rompimento

Recife — O deputado constituinte Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) solicitou ao líder Mário Covas a convocação imediata da bancada peemedebista na Assembleia Nacional Constituinte para discutir a conveniência ou não do partido permanecer na Aliança Democrática. Ele disse ontem que sua iniciativa é uma decorrência direta dos episódios que culminaram com a demissão do superintendente da Sudene, Dorany Sampaio, na semana passada.

Dizendo-se magoado com o Governo Federal, Maurílio Ferreira Lima reiterou que ouviu do deputado Ulysses Guimarães críticas ao presidente da República pela exoneração de Dorany. Ao mesmo tempo, estranhou declarações recentes de Ulysses, feitas após reunião de mais de seis horas com Sarney, de que os problemas entre o Governo e o PMDB estariam superados.

Segundo o coordenador da bancada pernambucana na Constituinte, a Aliança Democrática perdeu o sentido desde as últimas eleições e a cada novo episódio — como a demissão de Dorany — ela fica mais deteriorada. A Aliança, segundo Maurílio, cumpriu seu papel ao permitir a derrubada do governo militar.

— Com esse acordo legalizamos, como gente boa e decente, muito picareta que deu continência a cabo e sentinela em qualquer quartel e ficou posando de democrata a partir dela. Agora, o quadro é outro e eu creio que Sarney deve governar sozinho, afirmou Maurílio.

A Aliança Democrática tem seus dias contados: vai acabar com a promulgação da nova Constituição, afirmaram ontem os líderes do PMDB, senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, expressando ponto de vista semelhante ao do presidente do PFL, Marco Maciel, que prevê disputas entre seu partido e o PMDB nas eleições municipais no ano que vem. Enquanto Maciel reconhece que a Aliança nunca funcionou nos Estados, sendo um pacto nacional de poder, o senador Covas considera os objetivos

que motivaram sua criação “notoriamente esgotados”, observando que ela não chegou a funcionar na Constituinte. Ela só não foi extinta, segundo o senador Fernando Henrique Cardoso, porque isso significaria deixar o País sem uma nova Constituição.

Também o governador do Ceará, Tasso Jereissati, espera o fim da coligação antes da sucessão do presidente Sarney. Este, contudo, segundo o porta-voz Frota Neto, ainda acredita ser possível revitalizá-la.

F. Henrique dá prazo para o fim

A Aliança Democrática só deve sobreviver até a promulgação da nova Constituição Federal. A partir daí, o “acordo de elites” que atualmente sustenta a união PMDB/PFL no Governo, contra os próprios interesses das bases partidárias, deve ser substituído pela legítima luta política entre os partidos.

Foi o que afirmou ontem o senador Fernando Henrique Cardoso, ao comentar a proposta de o deputado Maurílio Ferreira Lima de ruptura imediata da Aliança Democrática. O líder do PMDB no Senado reconheceu que a atual composição do Governo, dividida entre

Maciel: “novos conflitos virão”

O presidente do PFL, senador Marco Maciel, disse ontem que a Aliança Democrática “não existe nos estados e, portanto, não se deve esperar que funcione em Pernambuco”. Ao comentar as recentes demissões de pefelistas pernambucanos, que estão levando o PFL estadual a acionar o governador Miguel Arraes, o senador frisou que o acordo político entre os dois partidos só deve ser considerado a nível nacional.

existiu Aliança Democrática. Aquil, as negociações se processam indistintamente com todos os partidos”.

Ressalvando ser esta uma posição do parlamentar, e não do líder partidário, Covas argumentou que as metas originalmente perseguidas pela Aliança Democrática foram todas alcançadas, especialmente com a convocação da Constituinte. Desta forma, a seu ver, ou os dois partidos envolvidos estabelecem novos objetivos ou a união, como já está ocorrendo, vai “morrer de inanição”.

Embora considere “natural” que o Governo procure ampliar sua base de sustentação partidária, o líder deixou claro que o PMDB não encontrou na distribuição dos ministérios a contrapartida desejável ao seu desempenho eleitoral. De qualquer for-

o seu partido e o PFL, gera “permanentes conflitos”, mas advertiu que o rompimento neste momento significaria deixar o País sem Constituição, ao sabor do vazio institucional.

OPÇÃO

Para Cardoso, tão logo a Constituinte acabe os seus trabalhos o presidente Sarney terá que optar entre o PMDB ou o PFL como sua base de sustentação política. Da forma como o poder está repartido entre as duas legendas, desrespeitando os resultados eleitorais que consagraram o PMDB, não há, a seu ver,

— A Aliança é um pacto nacional que foi celebrado com vistas ao restabelecimento da democracia e que deve ser mantido para dar estabilidade política ao governo do presidente José Sarney. Não tem qualquer vinculação com problemas regionais de ordem local — disse.

Maciel, que já deixou claro que o PMDB não será o parceiro natural do PFL nas eleições municipais, lembrou que só em poucos

estados — entre eles o Rio de Janeiro e o Maranhão — a Aliança se consumou a nível local nas eleições dos governadores, no ano passado. Em termos nacionais, ele admitiu que a Aliança acaba de “enfrentar uma fase de relativa turbulência” e previu que novas dificuldades de relacionamento poderão ocorrer entre o PMDB e o PFL — a exemplo da que atingiu, recentemente, o Ministério do Interior.

como garantir estabilidade ao Governo.

O líder peemedebista chegou a pregar uma espécie de acerto de contas após a promulgação da Carta. Para permanecer apoiando a administração, como deixou claro, o PMDB precisa assumir realmente a condução das políticas de Governo, o que não estaria ocorrendo hoje.

“O próximo ano terá eleições e o partido precisa posicionar-se diante do eleitorado. Da maneira como as coisas estão, como é que o PMDB vai se haver com a opinião pública?”, indagou Cardoso.

estados — entre eles o Rio de Janeiro e o Maranhão — a Aliança se consumou a nível local nas eleições dos governadores, no ano passado. Em termos nacionais, ele admitiu que a Aliança acaba de “enfrentar uma fase de relativa turbulência” e previu que novas dificuldades de relacionamento poderão ocorrer entre o PMDB e o PFL — a exemplo da que atingiu, recentemente, o Ministério do Interior.



Sarney recebeu ontem o violonista Baden Powell e na sexta será a vez de Xuxa Meneghel

Jereissati: “Não chega à sucessão”

O governador do Ceará, Tasso Jereissati, afirmou ontem, após conversar com o presidente José Sarney, que a Aliança Democrática não se manterá unida para a sucessão presidencial, embora consiga levar a bom termo a tarefa de redigir a nova Constituição. Para o governador do Ceará, a Aliança cumpre seu papel a nível nacional, mas já está “esfacelada nos estados”.

Segundo Jereissati, os resultados das eleições de 1986 desenharam um quadro de interesses irreconciliáveis nos estados, o que levou a Aliança ao fim. Ele disse que considera natural as sucessivas crises da Aliança, como a mais recente, que resultou nas demissões do ministro do Interior, Joaquim Francisco, e do superintendente da Sudene, Dorany Sampaio.

— A Aliança vai viver sempre assim, com essas turbulências, porque foi formada para uma fase de transição. Isso acaba, embora ela ainda tenha um papel a cumprir na Constituinte e na sustentação do Governo. Mas para a sucessão, não vejo como — disse o governador.

Tasso também condenou o sistema parlamentarista que, em sua opinião, não deveria ter acolhida na Aliança Democrática. Segundo afirmou, o sistema pode significar uma grande frustração para a Nação e sua implantação só seria viável se antecedida de uma campanha minuciosa e esclarecedora.

O porta-voz do Palácio do Planalto, jornalista Frota Neto, contudo, disse que o presidente José Sarney pretende trabalhar para fortalecer a Aliança e que buscará permanentemente o entendimento com o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães. Observou que o presidente Sarney não tem nada a acrescentar ao que já foi dito pelo deputado Ulysses Guimarães sobre o encontro dos dois, no final da semana.

— O Presidente endossa todos os termos que o deputado usou para traduzir o encontro, o teor, o clima e a extensão da conversa — disse Frota.

Segundo o porta-voz, a conversa de ambos foi boa, serviu para fortalecer as relações de Sarney com o presidente do maior partido da Aliança e dela nasceu a ideia de entregar aos governadores a responsabilidade pela indicação do novo superintendente da Sudene.

LEONARDO MOTA

Arraes terá Sudene

A conversa que o presidente Sarney manterá em Paulo Afonso, amanhã, com os governadores do Nordeste, resultará na escolha do novo superintendente da Sudene, que será um nome do PMDB, certamente pernambucano, e próximo ao governador Miguel Arraes. Desse modo, o Presidente da República cuida para não desfazer a aliança de forças que o sustentam na sua região. Arraes será atendido pelo Governo, mas Sarney deseja pôr o nome em avaliação prévia com todos os governadores, para que não restem dúvidas de que o Presidente os está prestigiando a todos.

Por sua vez, o nome do novo ministro do Interior obteve imediatamente franco apoio entre os governadores do PMDB do Nordeste, os quais o observam com um deles. O ministro João Alves não é um arrivista no esquema político regional, e tão logo nomeado o presidente Sarney sentiu as repercussões favoráveis dos governadores como Tasso Jereissati.

Há um consenso de que a crise — uma batalha de Itararé — foi administrada corretamente pelo Presidente da República, desde a entrevista coletiva de sexta-feira, quando apagou os focos de incêndio que crepitavam ao longo da Aliança. O incêndio, se houve, terminou sob a ducha de São José do Pericumã.

SINAL DE TRANQUILIDADE

Sinal de que as coisas andam bem na Aliança foi o cancelamento da chegada do ministro Aureliano Chaves a Brasília, anteriormente marcada para ontem, quando faria uma avaliação profunda dos problemas do PFL com os demais ministros. Aureliano só chegará hoje. Amanhã embarca com o Presidente para Paulo Afonso, e ambos farão uma avaliação mais segura, a 11 mil pés de altura.

MARCO DA O CAMINHO

Em vez do presidente Sarney, foi o senador Marco Maciel quem deu o caminho das perdas ao ministro João Alves, numa reunião que demorou a manhã inteira, no último sábado. O secretário-geral Everardo Maciel está propenso a sair, porque já o foi de três ministros (Marco Maciel, na Educação e no Gabinete Civil, e Joaquim Francisco e agora quer passar a chegar em casa pelo menos às dez da noite.

ALVES E MELO REUNIDOS

Amigos fraternais, o ministro João Alves e o novo secretário de Serviços Públicos de Brasília, José Carlos Melo, são dois engenheiros que chegaram à área política, e por coincidência se empolgaram em seus cargos, ambos no mesmo dia, lotando auditórios nas duas solenidades. Marshall Berman, um dos teóricos da Modernidade, em seu livro “Tudo que é sólido desmancha no ar”, demonstra justamente que a época é dos engenheiros, que sabem moldar os caminhos do futuro.

REPASSADA GERAL

O presidente Sarney repassou ao senador Marco Maciel toda a conversa que manteve com o deputado Ulysses Guimarães. Isso aconteceu no próprio sábado entre oito da noite e uma da madrugada seguinte. Foi o bastante para ser cunhada, a propósito da ambivalência do Presidente:

— O Sarney almoça com o Ulysses, janta com o Marco e dorme com a opinião pública.

Sarney vai receber a Xuxa na 6ª

Na próxima sexta-feira, o presidente José Sarney vai receber em audiência a apresentadora infantil de televisão Xuxa Meneghel. Ela vai presentear o Presidente com um exemplar do “dicionário” de sua autoria. “Para mostrar que ensina corretamente as crianças”, segundo argumentou ao pedir para ser recebida por Sarney, na semana passada.

Ontem, Sarney recebeu a primeira cópia do “LP” “Marimbondos de Fogo” — poema de sua autoria musicado pelo compositor maranhense Antenor Monturil. O poema é interpretado pela cantora Márcia, acompanhada pelo violonista Baden Powell, que foi recebido por Sarney. Durante a audiência, Baden Powell chamou Sarney de “poeta danado”, elogiou o Presidente “só tenho elogios a fazer a Sarney” e disse que não gosta de misturar arte com política.

Mesquita já é governador do Território

A criação do Conselho Comunitário do Território de Fernando de Noronha, que vai ter por objetivo elaborar o programa de desenvolvimento da ilha, vai ser um dos primeiros atos do novo governador Fernando César Mesquita, nomeado ontem por ato assinado pelo presidente José Sarney. “O futuro da ilha vai depender da decisão do Conselho” sintetiza Fernando, que assumirá de fato no próximo dia 28, depois de ser empossado no cargo pelo Ministro do Interior.

Fernando César Mesquita exercia o cargo de ouvidor-geral da República, presidindo a Comissão Nacional de Defesa dos Direitos dos Cidadãos (Codic). Antes, Mesquita era o porta-voz da Presidência da República. Ele deixou o cargo em dezembro do ano passado, após brigar com o ex-ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, Dante de Oliveira.

O novo governador garante que o seu programa de governo vai dar prioridade à preservação do meio ambiente da ilha. Ele pretende elaborar o seu plano de comum acordo com a comunidade científica brasileira, especialmente os órgãos como o IBDF, Secretaria Especial de Meio Ambiente (Sema) e Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa).

Zé Lourenço, a flor do brega

Carlos Nasser

Com sotaque e raciocínio dos antigos “garrafeiros” patricios, o Brasil e a Constituinte tomaram conhecimento do senhor José Lourenço, até então só famoso no Departamento de Cobrança do Banco do Estado da Bahia. Apareceu pela impertinência, audácia e acima de tudo, falta de autocrítica:

Comanda os “novos bahianos” do PDS, hoje conhecido como PFL. É aquele grupo que na última hora largou o inesquecível João Figueiredo e foi poluir as águas da Nova República. Agora depois da súbita notoriedade queremos conhecer tudo do sr. Zé Lourenço, inclusive como chegou a Constituinte e os caminhos que percorreu na vida pública, é nosso direito conhecer seus negócios na Bahia, dos cartórios ao imposto de renda, com as eventuais certidões negativas, inclusive a de nascimento.

Precisamos saber o que fazia o sr. Lourenço na época da ditadura, suas atividades em pormenores e as suas ligações com os serviços de informação da repressão militar. Este é um país de memória curta, e leve nos seus julgamentos, mas é nosso dever saber claramente quem é este Salazar do Recôncavo, que resolveu julgar o PMDB com critérios próprios e num tom de voz

muito alto para todos nós que acabamos de sair da ditadura.

Em nome de quem é de quais interesses fala o sr. Lourenço? No colo de quem está sentado o boneco?

Não foi por acaso que o PMDB conquistou 22 governos estaduais e uma maioria absoluta e incontestável no Congresso Nacional e nas assembleias legislativas.

Foram anos de lutas e sacrifícios para sedimentar a vitória das oposições contra a ditadura e o arbítrio. O dr. Ulysses Guimarães e seus liderados, com as conquistas sociais e políticas dos últimos anos já entraram para a História moderna brasileira.

Não será impunemente que um inculto e despreparado deputado, porta-voz de interesses obscuros, vai intimidar no grito um partido inteiro, que se formou nas ruas e nas praças públicas e se consolidou nas lutas políticas para conquistar o poder na maior vitória eleitoral que se conhece no Brasil. Quem assistiu a convenção do PMDB encontrou um partido vivo e efervescente na sua base, com uma ação programática a cumprir que não cede a imposições e nem se intimida pelo poder. Muito menos pelos que têm o fisiologismo como bandeira sobrevivem com as benesses do governo. Chegou a hora de recolher o que sobrou do lixo da ditadura.

Carlos Nasser é economista.